

# O Gozo além do princípio do prazer e aquém da lei do significante e da função $\alpha$ , ou a «falha» na subjetivação de um desejo inefável<sup>1,2</sup>

Nota: este artigo está escrito conforme o recente Acordo Ortográfico.

Carlos Farate<sup>3</sup>

## RESUMO

A qualidade do investimento fálico da cadeia de significantes é o analisador da capacidade de o sujeito psíquico — que Lacan designa de sujeito de palavra — construir uma identidade social coerente. Por aí, é todo o «edifício» da construção metonímica do inconsciente, *locus* de uma libido regida pela Lei do desejo de um Outro indiscernível, que é posto à prova. Mais precisamente, a capacidade do *ego* de transformar a «letra», o objeto (a) causa de excitação desmedida e irrepresentável, em objeto *a* acessível à subjetivação. Ora, esta colocação lacaniana do gozo como expressão de uma circularidade compulsiva em que excesso de prazer e sofrimento «nutrem» uma pulsão de morte que mantém o *sinthoma* e destrói a cultura encontra na noção de tela  $\beta$ , proposta por Meltzer na esteira de Bion, uma dialética assaz interessante. Com efeito,

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 27 de Fevereiro de 2019 e aceite para publicação em 8 de Março de 2019.

<sup>2</sup> Este texto tem como base a comunicação apresentada no X Encontro Lacan, na IPA, que teve lugar em 2016 em Montevideu.

<sup>3</sup> Psiquiatra e psicanalista. Professor Associado do ISMT, Membro titular, com funções didáticas, da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e da Associação Internacional de Psicanálise (IPA). Membro da Comissão de Ensino da SPP. E-mail: Carlos.farate@sapo.pt

tal como a perversão da libido objetal agida pelo objeto (a) decorre da falência da ordem simbólica em sublimar o desejo do Outro pelo recurso à linguagem, também a perversão operada pela tela  $\beta$  no processamento psíquico da experiência emocional do sujeito resulta da falência da função  $\alpha$  em subjetivar os elementos sensório-emocionais primitivos, formalmente impensáveis, inscritos no *psyche*-soma desde o início da existência. É uma tal dialética que subjaz a este ensaio de reflexão crítica acerca da relevância do conceito de Gozo para pensar o sofrimento do Homem contemporâneo.

#### PALAVRAS-CHAVE

**Gozo**

**Objeto (a)**

**Ordem simbólica**

**Tela  $\beta$**

**Função  $\alpha$**

**Subjetivação**

*P. A. (to Roland) Allow me to conduct you round the cages of my psychoanalytic zoo.*

*Of course the names are somewhat forbidding, but the creatures themselves are beautiful and ugly. Ah! Here is Absolute Truth — a most ferocious animal, which has killed more innocent white lies and black wholes than you would think possible*

*Bion, Memoir of the Future (p. 239)*

*Qu'est-ce que c'est que la jouissance? Elle se réduit ici à n'être qu'une instance négative. La jouissance, c'est ce qui ne sert à rien*

*Lacan, Encore (p. 11)*

A razão de ser é um desiderato humano a que o *sinthoma*, como expressão de um «sistema protomental» (W. R. Bion) em que o real se sobrepõe à lei do significante e se institui como «reverso do discurso» do sujeito de palavra (J. Lacan), se opõe de forma tenaz.

Esta injunção inicial condensa a colocação freudiana originária de um «além do princípio do prazer» que reduz o instinto psicossomático ao «impulso, inerente à vida orgânica a restaurar um estado anterior das coisas» (Freud, S., 1969 [1920], p. 47), a equação sensível à pulsão de morte que se opõe a *Eros* como princípio de vida e de mudança psíquica influenciado pelo princípio da realidade.

Ora, a importância atribuída por Lacan à função significante como mediação do desejo do outro, o objeto  $a$  que é expressão fálica de um Outro oculto, o A indiscernível que interroga a (in)suficiência do sujeito da enunciação na busca de enunciado inefável que assegure a completude narcísica em Ser, encontra em Bion formulação analógica na função  $\alpha$ .

Com efeito, Bion (1963), em *Elements of Psychoanalysis* (depois de *Learning from Experience*, de 1962, e antes de *Transformations*, de 1965), recorre a esta função «quase-matemática» (Sandler, P. C., 2005) para significar a capacidade psíquica de transformar os elementos  $\beta$  (proto-objetos primitivos, que também designa de objetos protorreais, formalmente impensáveis e psiquicamente alienantes) em elementos  $\alpha$  (objetos vivos e reais que integram os pensamentos do sonho, como primeira instância do pensar inconsciente).

Antes de explorar com mais rigor a importância do conceito

lacaniano de Gozo (*jouissance*) para compreender o papel que a «compulsão de repetição» (designação que prefiro à, mais usual, «compulsão à repetição») que Freud introduziu na metapsicologia em 1914 (como incidente transferencial crítico e resistência à cura), e aprofundou em 1920 (como manifestação destrutiva do *Ego*, além do princípio do prazer) e em 1930 (como instinto de morte imposto ao *Ego* por um *Superego* primitivo e tirânico), tentarei colocar em diálogo crítico a noção lacaniana de objeto (a) e a noção bioniana de elementos  $\beta$ .

Quando Lacan afirma que o desejo, *stricto sensu*, não tem objeto, ou quando escreve, no «Seminário XX – Encore» (1972–1973, pp. 158–159), «*Je te demande de refuser ce que je t’offre parce que ce n’est pas ça*», ou, ainda na mesma obra (p. 11), «*Rien ne force personne à jouir, sauf le Surmoi. Le Surmoi, c’est l’impératif de la jouissance — Jouis!*», está a significar que o desejo não tem um objeto específico. Com efeito, é a causa de desejo, nomeada objeto (a), que provoca o «deslizamento» metonímico de um objeto simbolicamente instituído (criado pela ordem da linguagem em função do desejo do Outro) para um outro, e é este processo de substituição metonímica que subjaz a uma escolha objetal particular.

Num livro particularmente interessante, *The lacanian subject between language and jouissance*, o psicanalista norte-americano B. Fink (1995, p. 94) comenta que o objeto (a) como «objeto perdido» e «resto do processo de constituição de um objeto, a “sucata” que escapa ao esboço de simbolização», pertence ao registo do Real e resiste à imaginarização e à simbolização, bem como à ação analítica (mediada pela representação de palavra e pela lei do significante). Ainda de

acordo com a interpretação de Fink (*ibidem*, p. 92) sobre os ensinamentos do Seminário XX de Lacan, «as experiências subjetivas mais primordiais de prazer e de dor, de excitação e de desapontamento, de emoção e de horror» que se inscrevem no registo do Real dispõem de «uma qualidade de “coisa” que impõe que o sujeito regresse a elas frequentemente».

Ora, a colocação que Bion estabelece para os elementos  $\beta$  aproxima-se bastante da qualidade de «coisa» (de «coisa-em-si» na nomenclatura *kantiana*, privilegiada por Bion) que Lacan atribui ao objeto (a) e aos elementos no registo do real (em que se inscreve a experiência fálica do Gozo, como um além do princípio do prazer fronteiriço da castração e de uma pulsão de morte agida pela compulsão de repetição que pode alienar o sujeito num estado regressivo, que Lacan designa de «*plus de jouissance*» e o aproxima da «coisa», isto é, do «caminho para a morte», cf. Seminário XVII, pp. 17–18).

Com efeito, de acordo com Bion (1962, p. 6), «se a função  $\alpha$  está perturbada, e se torna inoperante, as impressões dos sentidos de que o paciente está consciente e as emoções que experiencia mantêm-se inalteradas. Designá-las-ei de elementos  $\beta$ . Em contraste com os elementos  $\alpha$  os *elementos  $\beta$  não são sentidos como fenómenos mas como coisas-em-si*. As emoções são igualmente objetos do sentido (*não inteligíveis*)».

Estes objetos indiferenciados e maquinais, subordinados ao princípio do prazer e mantidos num estado pré-verbal aquém do imaginário (pelo seu carácter de «coisa»), e insuscetíveis de simbolização, podem, então, ser transferidos para o outro por identificação projetiva,

particularmente em sessão analítica, constituindo uma tela  $\beta$  que substitui a «barreira de contacto» entre consciente e inconsciente («rasgada» pela inoperância da função  $\alpha$  do lado não psicótico da mente do paciente) e expõem o analista a um estado de intenso envolvimento emocional que dificulta a dessubjetivação interpretativa do material psíquico primitivo que «circula» por entre os inconscientes de paciente e de analista.

Uma curta vinheta clínica servirá de conclusão reflexiva ao que acaba de ser exposto teoricamente.

V. é um homem de 36 anos com história pregressa de dependência de substâncias psicoanalépticas sobre um fundo de labilidade psíquica impulsiva e de índole depressiva-paranoide. A fragilidade narcísica de instalação precoce e experiências significativas de «trauma» psíquico, da ordem da rejeição amorosa e da frustração sexual cumulativa, «montaram» um cenário depressivo-limite ao qual a dependência tóxica, sobretudo cocaínica, acentuou a pusilanimidade do temperamento e a natureza, entre o psicótico e o perverso, das ligações objetais frustes que (não) sustenta. Em tratamento psicanalítico comigo há mais de dez anos, V. «esboçou» um retículo psíquico «a minima» ao fim do primeiro triénio de psicanálise, mas a insistência no «refúgio» cocaínico para «eludir» uma realidade vivenciada como insustentável fez recuar boa parte dos ganhos psíquicos, reforçando o funcionamento mental dissociativo e a tendência (regressiva) para uma conduta social ambígua e, não raro, objetivamente indiferenciada. Num «face a face» psicanalítico quatro vezes por semana nos últimos três anos e depois de alguns episódios de «overdose» cocaínica entre o provocador e o

autodestrutivo, V. aparece numa sessão recente (a que chega, quase invariavelmente, antes da hora, algumas vezes mais de vinte minutos) de «cenho» carregado, olhar vago de brilho indiferente, às vezes metálico, com o rosto fechado e inexpressivo e a postura curvada e indiferente. Olha para mim, apelativo, e evoca monossilabicamente a inação das últimas horas. «Não tenho nada para fazer, já sabe...» E, após um momento de suspensão, dispara «de rajada», em voz de timbre monocórdico, «Você sabe tudo...», seguido de um momento de silêncio oco, sonolento, findo o qual lança um «Ajude-me!» a dar para o apelativo. Sinto um mal-estar corpóreo, um atordoamento sensível «mesclado» de irritação com o seu lado «cocaínico», perverso e destrutivo (estado psicossomático corrente nas sessões com V.). Volta «à carga», em timbre de voz agora mais irritado, quase «imperativo»: «Já sabe que não consigo fazer nada... diga-me o que quer, dê-me o *click!*». Sinto que é o momento de redarguir, e de me (nos) libertar da «modorra» mortífera induzida pelo ataque odioso ao pensamento que está sendo agido por V., «É, de novo, a cedência “saturante” ao seu lado cocaínico, odioso, que lhe impõe o “fazer de morto” e tenta arrastar-me, em vão, para um “pacto” perverso e sabotador do compromisso vivo e verdadeiro que o seu lado personalizado tenta manter, tenta fazer sobreviver, aqui com a minha ajuda.» Ouve com o olhar parado e a expressão vaga, e mesmo se intuo uma atitude de escuta fugaz, antecipo (a contragosto e combatendo a desagradável consciência de um estado de contraidentificação projetiva “saturante” e repetitivo que a mente dissociativa de V. tenta impor-me transferencialmente) a longa fase da sessão em que terei de estar atento e ativo, não me deixando subverter pelo agir amorfo, a tela  $\beta$  abjeta e mortífera além do princípio do prazer,

o *plus de jouissance* castrador e nimbado de um instinto de morte perverso que o lado regressivo, impotente/omnipotente da sua mente irá, de novo e como é habitual, tentar impor ao lado vivo, realista e operante, em aliança psíquica (difícil, é certo, às vezes parecendo precária) com a função analítica que para ele represento.

«Até quando?», pergunto-me...

## **Abstract**

The quality of the phallic investment of the chain of signifiers is the analyzer of the capacity of the psychic subject, which Lacan designates as the subject of speech, in constructing a coherent social identity. This is the whole "building" of the metonymic construction of the unconscious, the locus of a libido ruled by the Law of Desire for an indiscernible Other, which is put to the test. More precisely, the capacity of the *ego* to transform the "letter", the object (a) as a source of excessive and unrepresentable excitement, into an object accessible to subjectivation. Now this Lacanian placement of *jouissance* as an expression of a compulsive circularity in which excess of pleasure and suffering "nourish" a "death drive" that maintains the "sinthome" and destroys culture, finds in the notion of  $\beta$ -screen, proposed by Meltzer in the wake of Bion, a very interesting dialectics. Just as the perversion of the object libido acted upon by object (a) stems from the failure of the symbolic order to sublimate the Other's desire for language, so the perversion operated by the  $\beta$ -screen in the psychic processing of the subject's emotional



experience results from the failure of the function  $\alpha$  in subjectivizing the primitive sensory-emotional elements, formally unthinkable, inscribed in the psyche-soma from the beginning of existence. It is such a dialectics that underlies this essay of critical reflection on the relevance of the concept of jouissance to think the suffering of the contemporary human being

**Keywords:** jouissance, object (a), symbolic order,  $\beta$ -screen,  $\alpha$ -function, subjectivation.

#### Bibliografia

Bion, W. R. (1962). *Learning from Experience*. Londres: Heineman Medical Books.

Bion, W. R. (1962). *Transformations*. Londres: Heineman Medical Books.

Bion, W. R. (1963). *Elements of Psycho-Analysis*. Londres: Heineman Medical Books

Bion, W. R. (1991). *A Memoir of the Future*. Londres: Karnac Books.

Fink, B. (1995). *The Lacanian Subject between Language and Jouissance*. Princeton: Princeton University Press.

Freud, S. (1969 [1914]). «Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II)». In *Sigmund Freud. Obras Completas*, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 191–203.

Freud, S. (1969 [1920]). «Além do Princípio do Prazer». In *Sigmund Freud. Obras Completas*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 13–75.

Freud, S. (1969 [1930–1929]). «O Mal-estar na Civilização». In *Sigmund Freud. Obras Completas*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 67–148.

Lacan, J. (1975 [1972–1973]). *Livre XX, Encore*. Paris: Éditions du Seuil.

Lacan, J. (1991 [1969–1970]). *Livre XVII, L'Envers de la Psychanalyse*. Paris: Éditions du Seuil.

Sandler, P. C. (2005). *The Language of Bion: a dictionary of concepts*. Londres: Karnac Books.